

[Revista da Associação Portuguesa de Escritores - N.º 9 - 10 - 3.ª Série]

Director José Manuel Mendes

Redacção

José Manuel de Vasconcelos
António Pedro Pita
Luís Machado
Annabela Rita
Isabel Cristina Mateus
Ana Cristina Silva
Luis Vendeirinho
José do Carmo Francisco

Design Gráfico

Rita Ricardo

O critério editorial respeita todas as opções dos autores.

Propriedade e Edição Associação Portuguesa de Escritores

Rua de São Domingos à Lapa, 17
1200-832 Lisboa
Telefone: 213 971 899 | info@apescritores.pt

Pré-impressão e Impressão

Gráfica S. Francisco, Lda.
Rua 1.º de Maio, Lote 65 - R/C
Quinta do Grafanil | 1750-226 Lisboa
Telefone: 219 478 351 - Tlm. 968 561 291
E.mail: cmarques@graficasfrancisco.com

Tiragem 1000 exemplares

Periodicidade Semestral

Preço: 15 € (I.V.A. incluído)

Isento de registo na ERC, ao abrigo do decreto-regulamentar 8/99,
de 9/6 artigo 12.º, n.º 1 - A

Depósito Legal 33676/90

ISSN 0872-6310

As actividades da APE são apoiadas pela

Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas - Ministério da Cultura

O escritor

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCRITORES

Índice

ANTÓNIO MEGA FERREIRA

[09] O Último Discurso

EDUARDA DIONISÍO

[15] Evocação por Luís Souta

Eugénio de Andrade

[21] Nascimento e Prazer da Poesia | um texto seu |

[23] Fernando Batista

[31] Helena Carvalhão Buescu

[37] José Viale Moutinho

Maria Ondina Braga

[45] José António Barreiros

[57] Carina Infante do Carmo

[71] José Cândido Oliveira Martins

[83] Isabel Cristina Mateus

Mário Cesariny

[93] António Carlos Cortez

[107] José Manuel dos Santos

Natália Correia

[119] Fernando Dacosta

[125] José Manuel Mendes

[127] António Valdemar

Ulisses Duarte

[143] Cristino Cortes

Mário Henrique Leiria

[151] Julieta Monginho

As imagens e as vivências de criança, a sensação de aconchego e “o conforto dos tempos da infância”, os “velhos lugares” e a lembrança de certos tipos humanos, alimentam a lembrança e despertam a imaginação: “E de novo a minha memória lateja de recordações, como um ovo nos últimos dias de choco. (...) Pobres lembranças, porque não goraste? Será que esta minha febre de morte vos fecundou?”³⁹.

Definitivamente, em Maria Ondina Braga, sobretudo em *Estátua de Sal*, o acto da escrita é indissociável do labor da memória afectiva, intimista e melancólica: “(...) vivo só daquilo de que nenhuma pessoa pode viver”⁴⁰, isto é, do encontro sempre novo com os seres e os objectos, bem como da impressiva lembrança do vivido.

Maria Ondina Braga: “Biografias no Feminino”

Isabel Cristina Mateus

No ano do centenário de Maria Ondina Braga, procurava no Museu Nogueira da Silva (onde se encontra o espólio da escritora) material para uma exposição documental e fotográfica. Ao abrir uma caixa de documentos vários, ainda não digitalizados, deparei com uma carta dirigida à Associação Portuguesa de Escritores, escrita à máquina com duas páginas agrafadas, corrigidas e assinadas à mão. Nessa carta, datada de 29 de setembro de 1978, a escritora formaliza a sua inscrição como candidata a uma bolsa literária concedida por esta instituição, fornecendo os dados solicitados¹ e anexando um curriculum literário. Como projetos de trabalho, a escritora apresenta “um livro de contos a que ainda não dei título² e o segundo volume de *Escritoras-Mulheres em Luta — perfis biográficos de mulheres escritoras cujo primeiro volume se encontra no prelo*”.

Aparentemente insignificante, a carta de Maria Ondina revela-se, todavia, de uma importância especial: desde logo, ao dar conta de um projeto de escrita biográfica em curso de que estaria já “no prelo” um primeiro volume ao qual deveria seguir-se um segundo, a escrever; mas também ao permitir datar momentos particulares desse projeto e testemunhando, de modo único, aquela que deve ter sido para a autora uma hesitação no título genérico a atribuir à escrita dos “perfis biográficos” que a ocupavam.

No momento em que é editado pela Imprensa Nacional o volume “Biografias no Feminino”, o segundo das *Obras Completas de Maria Ondina Braga*³, é fundamental dar a conhecer ao leitor (e em especial ao leitor português para quem a escritora tem passado despercebida) o projeto de escrita biográfica longamente amadurecido por Maria Ondina.

¹A carta refere explicitamente a “resposta à vossa carta de 21 do mês corrente, setembro de 1978”.

²A escritora refere-se ao livro *Estação Morta*, publicado em 1980 (Vega Ed.), o mesmo ano em que seria publicado o volume *Mulheres Escritoras* (Bertrand).

³Braga, Maria Ondina, “Biografias no Feminino” (ed. de Isabel Cristina Mateus e Claire Williams). *Obras Completas de Maria Ondina Braga* (coord. Mateus, Isabel Cristina e Martins, Cândido Oliveira). Vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional, 2023.

³⁹*Estátua de Sal*, p. 162.

⁴⁰*Estátua de Sal*, p. 216.

Acompanhar, pela primeira vez, as etapas desse processo, traçar a sua "biografia", permitirá não apenas descobrir facetas desconhecidas da mulher e da escritora, como permitir a revisão do lugar que lhe é devido na história da literatura em língua portuguesa.

Importará, antes de mais, sublinhar que a atenção às mulheres, aos seus silêncios e segredos, aos seus desejos e angústias, à sua condição nas diferentes geografias do mundo e em distintos modelos de sociedade (europeia, asiática, africana) esteve sempre no centro da escrita de Maria Ondina Braga. Desde *Eu Vim para Ver a Terra*, livro de estreia, publicado em 1965 (revisto e publicado em 1994, sob o título *Passagem do Cabo*) ou *Estátua de Sal* (escrito em 1963, publicado em 1969, revisto em 1976 e 1983), ambos sob a forma de autobiografia ficcional ou autoficção⁴ e da primeira pessoa como lugar de enunciação.

A China Fica ao Lado, publicado em 1968, vem chamar a atenção, de um modo muito particular, para a centralidade desta temática feminina. Escrito em Macau, embora publicado apenas em 1968, o livro viajou com a escritora, de regresso a Portugal em 1965, vencendo no ano seguinte o Prémio Revelação de Ficção instituído pelo Secretariado Nacional de Informação (SNI), no mesmo ano em que Natália Correia publicava a polémica *Antologia de Poesia Erótica e Satírica*. Um ónus político que certamente pesou no "esquecimento" a que a escritora foi relegada — facto a que a escritora não deixa de aludir numa das entrevistas que concedeu. Isto apesar de Agustina Bessa-Luís, membro do júri desse Prémio, ter considerado a obra e a autora "um prodígio de revelação" e lhe atribuir o seu "voto incondicional"⁵. A esse ónus político-ideológico, acresce ainda o olvido anunciado pela escolha de um cenário narrativo como Macau, território distante e, em certa medida, "exótico", para não dizer "estranho", para o leitor português dos anos 60.

Talvez estas razões ajudem a explicar a desatenção com que *A China Fica ao Lado* foi recebido à data de publicação. Mas hoje não é possível deixar de sublinhar a novidade de um livro que constituiu uma pedrada no charco adormecido do meio literário português do antigo

⁴Braga, Maria Ondina, "Autobiografias Ficcionais" (ed. de Cândido Oliveira Martins), *Obras Completas de Maria Ondina Braga* (coord. de Mateus, Isabel Cristina e Martins, Cândido Oliveira), Vol I, Lisboa: Imprensa Nacional, 2022.

⁵Num caderno vermelho que pertenceu à escritora e está hoje nas mãos da família, há uma nota manuscrita de Maria Ondina com o registo das palavras usadas por Agustina Bessa-Luís no momento de atribuição do Prémio.

regime. Reconhecer hoje a agitação das águas que provocou significa reconhecer o papel de Maria Ondina Braga, mais do que pioneiro, decisivo, no rasgar de caminhos que hão de levar à publicação das *Novas Cartas Portuguesas* de Maria Velho da Costa, Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta, em 1972, já nas vésperas da revolução de abril. Sem esquecer, naturalmente, o contributo importante de nomes como Irene Lisboa, Agustina Bessa-Luís ou Natália Correia, além da publicação em fascículos, entre 1948-1949, do estudo documental e fotográfico *As Mulheres do Meu País* de Maria Lamas, recentemente reeditado.

O conto de abertura que dá o título ao livro surpreende ainda hoje pela crueza realista do tema e pela paradoxal delicadeza da linguagem, pondo a nu os preconceitos que escravizam a mulher asiática: o conto descreve sem véus nem biombos a experiência de uma jovem chinesa de família ilustre, em Macau nas vésperas da Revolução cultural, forçada a abortar numa clínica clandestina por ser mãe solteira, ao mesmo tempo que denuncia a tradição dos pés de lótus, responsável pela imposição de um padrão de beleza e de reconhecimento social que deformou muitas mulheres chinesas.

A ousadia do livro chamou atenção de Maria Teresa Horta, autora de uma recensão crítica publicada no jornal *Expresso* de 30 de março de 1974 (anos decorridos sobre a sua publicação), estranhando a apatia da receção e considerando "bastante injusto o silêncio, a penumbra para onde certo sector da nossa crítica tem empurrado o nome de uma escritora que, por seu único mérito, enfileira ao lado de todos os que formam nos nossos dias, as primeiras linhas, digamos, da literatura portuguesa de hoje". Para Maria Teresa Horta, não há dúvida que é "a mulher quem esta escritora mais retrata, são de mulheres as suas melhores personagens. Vergadas ao peso de ancestrais costumes que as oprimem, as reduzem a simples objetos de consumo diário e sexual; vergadas, submetidas a estranhos e "moraes" princípios que se perdem nos séculos...".

A escrita de Maria Ondina está, por conseguinte, marcada desde o início pela presença da mulher, das várias mulheres com quem a escritora se cruzou nos diversos caminhos do mundo que percorreu. Algumas, apenas entrevistas, um vulto que se pressente, silencioso; outras, um fio de voz discreto, uma angústia, um segredo escorrendo nos corredores dos colégios onde a escritora viveu; outras, familiares, poderosas como a mãe ou a tia Glória; outras ainda, uma força, um desejo, um vento indomável,

livre, que irrompe quando menos se espera, na casa da autora, em dia de tempestade, nas ruas da cidade, num barco ou num comboio. Agustina Bessa-Luís sublinha, muito expressivamente, que a ficção ondianiana está “a abarrotar de mulheres”⁶. E Maria Ondina reconhece-o em várias entrevistas: “a mulher é a parte mais delicada e vulnerável desta sociedade e também da minha obra. Falo quase sempre de pessoas sofredoras, corajosas, solitárias”⁷. Do mesmo modo que não resistirá a falar das vidas e das obras de mulheres escritoras de diferentes tempos e lugares que foram decisivas tanto para a afirmação da mulher e da leitora, como para a formação da escritora e a quem chama suas “companheiras de solidão”⁸: Irene Lisboa, Virginia Woolf são autoras que admira e a marcam desde a juventude. E, de um modo muito especial, Katherine Mansfield, além das irmãs Brontë, influências que reconhecerá, em entrevista de Susana Ruth Marques para a revista *Modas e Bordados*, poucos dias após a Revolução: “Na prosa Camilo e, entre os estrangeiros, Katherine Mansfield. (...) Das irmãs Brontë impressionou-me a obra, mas sobretudo a vida”⁹.

Se o interesse pela temática feminina e pela condição das mulheres é rastreável desde muito cedo na escritora, menos conhecido é o envolvimento de Maria Ondina Braga na escrita de biografias de mulheres que, como ela, foram também escritoras. E, contudo, a escrita de “perfis biográficos” de mulheres escritoras, é bem reveladora do seu papel interventivo no que diz respeito às mudanças sociais trazidas pela revolução de abril, desde logo aquelas que dizem respeito à condição e direitos da mulher, à sua emancipação e participação cívica.

É esse projeto biográfico que o II Volume das *Obras Completas de Maria Ondina Braga* (“*Biografias no Feminino*”) pretende acompanhar nos seus momentos principais constitutivos e dar a conhecer ao leitor (a) de hoje, reunindo pela primeira vez os dois volumes de biografias breves de escritoras (*Mulheres Escritoras e Retratos com Sombras*, este último inédito), bem como diversos textos dispersos publicados em jornais e revistas, além de textos manuscritos ou dactiloscritos igualmente

⁶Bessa-Luís, Agustina (2017:1483).

⁷Entrevista de José Jorge Letria (1981:4).

⁸Braga, Maria Ondina (1980:7). Por estar ainda no prelo, no momento em que escrevo este texto, o II volume das *Obras Completas de Maria Ondina Braga*, recorro à edição disponível no mercado de *Mulheres Escritoras*.

⁹Entrevista de Susana Ruth Marques (1974:13).

inéditos, em torno da temática da escrita no feminino ou do feminismo. A escrita de Maria Ondina, como se percebera desde a publicação de *A China Fica ao Lado* ou dos volumes autoficcionais, vai muito além do silêncio ou do “mutismo” das mulheres anunciado por Maina Mendes de Maria Velho da Costa, em 1969 ou, antes dela, por Maria Judite de Carvalho em *Tanta Gente, Mariana!* (1959) ou *As Palavras Pougadas* (1961). Pelo contrário, a escrita ondianiana dá corpo e voz tangível às mulheres que ousam desafiar os preconceitos e as convenções sociais que, nas diferentes culturas, as reprimem e limitam, que arriscam lutar pela igualdade num mundo predominantemente masculino, que têm a coragem de romper com papéis tradicionais e afirmar a sua independência e o seu desejo. E esta atenção dada à voz das mulheres, em especial às mulheres escritoras, àquelas que ousaram fazer-se ouvir por entre o “bulício invisível”, para usar a expressão de Rosa Montero¹⁰, está bem patente no desejo de escrita biográfica em Maria Ondina. Pelo que de novo, se não mesmo de até agora desconhecido, revelam, estas “*Biografias no Feminino*” não deixam de convocar uma revisão do cânone literário global, agora sob o ponto de vista feminino, bem como a revisão do lugar atribuído a Maria Ondina Braga na história da literatura portuguesa.

Na origem do projeto de escrita destas biografias esteve a colaboração da escritora na revista *Modas e Bordados*, iniciada em 1974, sob a direção de Maria Manuela Sousa Rama. É assim, no contexto da mudança trazida pela Revolução de Abril e do compromisso de transformação social assumido pela revista, que Maria Ondina Braga se deixa seduzir pela ideia de escrever as vidas de mulheres escritoras que admira, de levar a exemplaridade dessas vidas até “outras companheiras” de leitura, aliando um projeto de escrita biográfica ao desejo de “*engagement*”, de pedagogia e de cidadania cultural.

Começando por escrever brevíssimas resenhas de livros nas rubricas “O Livro da Semana” ou “O Livro do Mês”, que irá manter até ao fim da revista em fevereiro de 1977, Maria Ondina passará a assinar uma série de biografias de *Mulheres Escritoras* de todos os tempos e de várias latitudes, todas elas heroínas, como afirma num texto inédito sobre este livro, de “um heroísmo que não consta da História, mas talvez mais difícil do que o da Padeira de Aljubarrota”. A nova rubrica aparece destacada na capa do número de 21 de maio de 1975, e estreia com a biografia das

¹⁰Montero, Rosa (2019:282).

irmãs Brontë. Seguem-se, em Julho, a biografia de Lou Andreas-Salomé e, em outubro desse mesmo ano, a de Katherine Mansfield, anunciada na capa da revista que, entretanto, mudara o nome para *Mulher. Modas e Bordados*, agora sob direção honorária de Maria Lamas e interina de Mário Zambujal. (Maria Lamas é, de resto, um dos nomes mencionados por Maria Ondina na sua lista de biografias anunciadas, embora esta, ao que tudo indica, não tenha chegado a ser escrita. A autora de *Mulheres do Meu País* fora, de 1928 a 1947, diretora da revista *Modas e Bordados* que, no regime autoritário do Estado Novo, se destacara por dar voz à luta pela emancipação e pelos direitos das mulheres).

Embora com periodicidade irregular, vão sendo publicadas outras biografias até à suspensão da revista em fevereiro de 1977: Jane Austen, Maria Browne, Teresa Margarida da Silva e Orta, Virginia Woolf, Irene Lisboa, Colette, a última a vir a lume. Devido à suspensão da revista, as biografias de George Sand e Gabriela Mistral seriam publicadas posteriormente no suplemento literário "Ler e Escrever" do *Diário de Lisboa*, em 78 e 79. Das catorze biografias que integram o volume *Mulheres Escritoras*, tanto quanto nos foi possível apurar, só a de Selma Lagerlöf terá sido unicamente publicada em volume.

São estas breves biografias que a biógrafa-escritora irá, posteriormente, reunir e publicar em volume, em Outubro de 1980, muito embora a carta dirigida à Associação Portuguesa de Escritores, anteriormente citada, nos revele que o volume se encontrava "no prelo" há dois anos e que a escritora projetava um segundo volume de "perfis biográficos".

Mas a referida carta revela-nos ainda um outro dado desconhecido, ganhando relevância por ser o único testemunho de um dado especialmente interessante neste contexto: o de que a escritora pensava no título genérico de *Escritoras-Mulheres em Luta* para a série de biografias. Maria Ondina acabaria por optar, anos depois, pelo título da rubrica da revista *Modas e Bordados* sob a qual foram publicadas originalmente as biografias. A hesitação posta a descoberto pela carta dirigida à Associação Portuguesa de Escritores vem dar uma outra densidade semântica ao título escolhido: a ideia de "luta", explícita no título da carta, parece determinar a justaposição de termos em *Mulheres Escritoras*. Na provocadora e implícita reversibilidade dos termos, o título não deixa de constituir uma forma de luta, desafiando um tempo e um

modelo de sociedade em que *mulher* e *escritora* eram palavras mutuamente exclusivas.

Como salientámos e a carta à Associação Portuguesa de Escritores demonstra, o projeto biográfico de Maria Ondina continua para além do fim da revista *Mulher. Modas e Bordados*, em 1977. Do anunciado segundo volume, seriam escritas as biografias de Anaïs Nin, Ana Plácido¹¹, Carson McCullers, George Eliot¹², Maria Archer, Rosália de Castro, Sei Shōnagon e Violette Leduc¹³. Mas apesar de entregue à editora, o novo volume, intitulado *Retratos com Sombras*, permaneceria inédito até à edição destas "Biografias no Feminino", agora vindas a público.

Lidos em conjunto, os dois volumes (um total de vinte e duas biografias) representam uma escolha muito pessoal de escritoras que, na opinião de Maria Ondina Braga, era importante conhecer e ler. Não apenas uma linhagem ou uma sororidade literária de que se reclama a escritora Maria Ondina Braga, mas sobretudo aquilo a que poderíamos chamar uma contra-narrativa feminina da história da literatura à escala global. Um cânone alternativo ao qual não se deu, até hoje, a devida importância e que, de algum modo, se estende a muitos outros nomes de escritoras de diferentes geografias e culturas, divulgados em textos publicados em distintos lugares da imprensa, reunidos pela primeira vez e incluídos no volume "Biografias no Feminino": Simone de Beauvoir, Doris Lessing, Miles Franklin, Maria Dabrowska, Maria Tsvetaeva, Caroline Fox, Ding Ling, Golda Meir, Germaine Greer, Rachel Bastos, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, entre outras. Um cânone que vem romper a perspetiva tradicional e realçar, por essa via, a gritante inexistência de uma tradição literária de mulheres escritoras, ao mesmo tempo que nele ousa inscrever alguns nomes de escritoras portuguesas. Um cânone sem fronteiras nacionais, linguísticas, sociais, políticas ou morais que não deixa de espelhar a invulgar abertura de uma escritora nómada, que viveu e viajou por quatro continentes.

¹¹A biografia de Ana Plácido acabaria por ser o texto da conferência proferida a convite da Biblioteca Pública de Braga no âmbito das comemorações do centenário de Ana Plácido (1995), posteriormente publicado no volume *Vozes Confluentes. Estudos e Ensaios de Autores de Braga* (org. de João Lobo; Agostinho Domingues; Henrique Barreto Nunes; Fernando Pinheiro). Guimarães: Opera Omnia, 2017.

¹²Foi publicada uma versão abreviada desta biografia no *Diário de Lisboa*, Suplemento Ler/Escrever: «Uma feia sedutora», n.º 47, 4 de fevereiro de 1982, p. 1.

¹³Publicada em 9 de abril de 1980 no suplemento literário do *Diário de Lisboa*.

Dando a conhecer ao leitor, pela primeira vez, os dois volumes de retratos biográficos de mulheres escritoras de todo o mundo e de vários tempos (um deles inédito), mas também todo um trabalho de investigação que permitiu acompanhar os distintos momentos de um projeto mais vasto de escrita biográfica em Maria Ondina, além de textos inéditos em torno da escrita no feminino e do "feminismo", a edição de "Biografias no Feminino" constitui um contributo indispensável para o conhecimento de uma escritora que cada vez mais se revela fundamental para a compreensão do mundo global em que vivemos.

Bibliografia

Bessa-Luís, Agustina, "Lua de Sangue". *Ensaios e Artigos (1951-2007)*, recolha e organização de Lourença Baldaque, vol. II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017, p. 1483.

Braga, Maria Ondina, "Biografias no Feminino" (ed. de Isabel Cristina Mateus e Claire Williams). *Obras Completas de Maria Ondina Braga* (coord. Mateus, Isabel Cristina e Martins, Cândido Oliveira). Vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional, 2023.

Braga, Maria Ondina, "Autobiografias Ficcionalis" (ed. de Cândido Oliveira Martins), *Obras Completas de Maria Ondina Braga* (coord. de Mateus, Isabel Cristina e Martins, Cândido Oliveira), Vol I, Lisboa: Imprensa Nacional, 2022.

Braga, Maria Ondina, *Mulheres Escritoras*, Lisboa: Bertrand, 1980, p.7.

Horta, Maria Teresa, "A China Fica ao Lado de Maria Ondina Braga". *Expresso*, 30 de março de 1974, p.23.

Letria, José Jorge, "O Ofício de Viver" (entrevista). *O Diário*, 11 de janeiro de 1981, p. 4.

Marques, Susana Ruth, "O escritor e a Solidão" (entrevista). *Modas e Bordados*, no 3247, 1 de maio de 74, p. 13.

Montero, Rosa, *Nosotras. Historias de Mujeres y algo más* [3aed], Madrid: Alfaguara, 2019, p. 282.

MÁRIO CESARINY